



# o Padre Nosso

**Fraternitas Rosicruciana Antiqua  
Aula Lucis Central**

Rua Sabóia Lima, 77 - Tijuca  
Rio de Janeiro - RJ - Brasil - Cep: 20521-250

Tel: (0XX 21) 2254-7350

Site: <http://www.fra.org.br>

E-mail: [fraternitas@fra.org.br](mailto:fraternitas@fra.org.br)

© Copyright

# O PADRE NOSSO

Por José Oiticica

1958

## O PADRE NOSSO

Por José Oiticica (Macário Ptokhós)

O Padre nosso, tal qual se reza usualmente, é calcado na tradução latina da vulgata romana; mas, ainda assim, deformado. Difere, não só pelo texto, como também pelo sentido e interpretação da verdadeira oração dominical contida no texto grego de Mateus. O texto de Lucas é incompleto e adulterado; mas, ainda assim, a versão portuguesa, como as demais inspiradas pela Igreja Católica e pelas protestantes, longe estão de espelhar fielmente essa obra profundamente *gnóstica*.

Aos antigos padres da Igreja não passou despercebido constar o Padre nosso de sete súplicas precedidas de uma invocação: Pai nosso que estás nos céus. Todavia, autores modernos, supondo haver, nas duas últimas, redundância, fundem-nas numa só: Reuss, por exemplo, na sua *Histoire évangélique* (da sua grande obra *La Bible*), p. 220, assim se exprime: “A última frase que, sem razão, se toma como sétima prece e que Lucas pode omitir sem truncar o texto, a bem dizer não passa de complemento do que precede. Com efeito, se traduzirmos, como fizemos o *Maligno*, em masculino, ela nos põe aos olhos, o fato de que a prova por Deus enviada pode redundar em pura tentação, motivo de queda, por causa de nossa fraqueza sobre a qual atua o demônio do *mal*. Se preferimos por mal, no neutro, o sentido é o mesmo; apenas, o poder do mal não está personificado. Em nenhum caso seria cabível por: “preserva-nos da desgraça”. Veremos, há seu tempo, a fundamental sem-razão de tudo isso.

Separemos a oração dominical em suas partes, logo depois da invocação: *Pai nosso que estás nos céus*: São elas:

Santificado seja o Teu Nome

Venha o Teu Reino

Seja feita a Tua Vontade não só no céu como sobre a

terra

O pão nosso transubstancial dá-nos hoje

Desliga-nos das nossas dívidas como nós desligamos os nossos devedores

Não nos ponhas em prova

Antes, liberta-nos do Mal.

A redação dessas sete preces difere claramente, em certos pontos, da redação usual definida pela Igreja Católica e pelas protestantes.

Meu propósito, neste escrito, é demonstrar as deturpações conscientemente praticadas e mantidas por essas igrejas com uma teologia de todo im procedente e adrede desviatória. Depois, darei a interpretação dessas preces pelo prisma da doutrina gnóstica. De fato, o Padre nosso, antes de ser prece católica, é, caracterizadamente, prece gnóstica. Por isso, houve absoluta necessidade de certas alterações visto ser a redação exata incompatível com os fins das igrejas organizadas.

Realmente, profunda divergência existe entre o cristianismo puro, isto é, a missão de Jesus e o catolicismo romano ou o protestantismo. Estes são igrejas organizadas com pastores, sacerdotes, bispos, arcebispos, chefes: ao passo que Jesus repudiou de todo qualquer corpo doutrinário e administrativo. Manifestou-se contra escribas, fariseus, doutores da lei, gente das sinagogas e condenou, insofismavelmente, as preces públicas, de muitas palavras. Mandou aos discípulos que, ao orar, se fechassem nos seus aposentos, batessem o ferrolho à porta e adorassem o Pai em espírito e verdade. Toda doutrina, pois, ou prática aberrante dessa recomendação é falseamento da sua mais profunda reforma religiosa.

A prece dominical figura em dois evangelhos, o de Mateus (VI, 9-13) e Lucas (XI, 204). Dos dois, o de Mateus é claramente o genuíno, pois o de Lucas omite as preces terceira e sétima e altera em mais de um ponto a redação simples e natural de Mateus.

Sigo em tudo a redação grega fixada pela Sociedade Bí-

blica de Wutemberg adotada pela British and Foreign Bible Society (Ed. 1916), comparada com a Vulgata, de S. Jerônimo.

As redações grega e latina concordam *ipsis verbis* nas duas primeiras preces, nos dois evangelhos. A terceira prece não figura em Lucas e a tradução latina concorda em tudo com o texto grego. Na quarta prece, porém, ocorre a mais incompreensível das discordâncias e tão absurdos comentários dos exegetas católicos e protestantes, que somos levados a crer numa deformação consciente e tendenciosa.

Vamos, pois, transcrever os dois textos gregos e as traduções correspondentes da Vulgata.

... Texto de Mateus: *tòn árton hemôn tòn epiúision dòn hemin sémeron.*

Vulgata: *Panem nostrum supersubstatalem dá nobis hodie.*

Tradução literal: o pão nosso supersubstancial dá-nos hoje.

Texto de Lucas: *tòn árton hemôn, tòn epiúision dídu hemín to kath'eméran.*

Vulgata: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie.*

Tradução literal do grego: o pão nosso supersubstancial dá-nos isso de cada dia.

Tradução literal do texto latino: o pão nosso quotidiano dá-nos, hoje.

Assinalemos as diferenças. Quer no texto de Mateus, quer no de Lucas se depara o adjetivo *epiúision*. Esse adjetivo é traduzido na Vulgata por *supersubstantialem* em Mateus, mas é suprimido em Lucas. Em seu lugar foi incluído *quotidianum* que, no texto grego, é mero apêndice muito duvidoso. Com efeito, sendo *árton* do gênero masculino, deveria estar *tòn kath'eméran* e não *to* pronome neutro. A presença deste obriga-nos a traduzir: *isso de cada dia*. Demais, esse *de cada dia* não aparece em Mateus. Ora, foi esse suspeito de cada dia que passou a

parte principal com exclusão inapelável do *epiúSION*, do *transubstancial*, legível em ambos e na posição mais evidente, no cerne do período.

É muito edificante examinar os passes de mágica, os subterfúgios, as grosseiras parolagens com que teólogos católicos e protestantes ligaram, em perfeito acordo, abafar o *transubstancial* e impingir o *quotidiano*.

Comecemos pelo famoso Eduardo Reuss, professor da universidade de Estrasburgo.

Diz ele em seu citado livro (p. 219): “Quanto à quarta prece, não nos deteremos a refutar os que a interpretam alegoricamente, vendo no pão cotidiano outra coisa que o alimento e, em geral, a satisfação das necessidades da natureza física da condição terrena. Nada temos que objetar ao quererem chamar pão cotidiano do cristão, à meditação da palavra de Deus. Afirmamos tão só que Jesus não quis falar disso aqui. A alegoria, o sentido oculto são cousas estranhas à oração dominical e, longe de dizer que o Senhor teria derogado a dignidade do conjunto descendo à região material, achamos, ao invés, a admirável que haja sabido prender a matéria mesma, isto é, as necessidades físicas de nossa existência, a uma ordem de idéias mais elevada e mostrar-nos assim o dever e os meios de santificá-los. Há imenso consolo para o mortal no compenetrar-se da convicção de que Deus o não deixa só até nos assuntos mais comensuráveis e de que a busca da celeste assistência vivifica e enobrece o seu trabalho. Quanto à fórmula usual de que nos servimos (1) também, de passagem, é positivo ser inaceitável, embora nada contenha deslocado em tal texto. Filologicamente falando, o termo grego, empregado pelos dois evangelistas, mas que não se encontra em nenhum outro autor, só a duas combinações etimológicas pode reportar-se. Ou a palavra ser derivada de um verbo que significa *ir* e então será o dia *superveniente*, o dia seguinte, sentido que Jerônimo diz ter sido expresso no evangelho hebreu, o *pão do dia seguinte*, ou vem de um nome que significa substância; então, o adjetivo do texto fala daquilo que está na

proporção da substância, isto é, *suficiente*, em oposição ao que está além da substância ou supérfluo. Preferimos esta última interpretação. Ela faz valer um elemento de reserva e moderação relativamente aos bens desta terra que, decerto, não deparará o conjunto”.

Por isso Reuss traduz: “Dá-nos hoje o pão nosso suficiente”.

Traduzir *ipiúsiôn* por *suficiente* não lembraria a ninguém que não um exegeta alemão, de alto coturno, firme no propósito de deformar um texto. Porque o propósito é evidente.

Evidente é quando o pastor Howell no seu *Comentário ao Evangelho Segundo S. Mateus*, p. 118, assevera: “Apesar das divergências quanto à derivação da palavra, há completo acordo quanto ao seu sentido: “todos concordam que aqui somos ensinados a orar a Deus pelo suprimento de nossas necessidades temporais e corporais e a esperarmos dele, de dia em dia, o que Ihe aprouver darnos”. Como se vê, acordo geral numa conclusão que não resiste à mais superficial análise.

Vejamos a tradução de Reuss: o pão nosso *suficiente*. O próprio Reuss ensina que o adjetivo *ipiúsiôn* só aparece nesses passos de Mateus e Lucas e mais em nenhum autor. É palavra inexistente em grego. Foi, portanto, especialmente, formada para designar um pão especial, um pão diferente do pão diariamente comido pelos homens. Que pão será esse? É só ler o sermão eucarístico de Cafarnaum (João VI, 22-72) onde o próprio Jesus explica minuciosamente, clara, insofismavelmente ser esse pão aquele pão *supersubstancial* dos evangelhos de Mateus e Lucas. Realmente o pão descrito e definido no evangelho de João está acima de qualquer substância pois é um pão de vida espiritual, não aquele pão que Moisés deu aos hebreus no deserto senão um pão de vida, o que os homens hão de comer se quiserem a vida eterna. Esse pão é a carne e o sangue do filho do Homem, o pão descido dos céus, a força cristônica redentora

trazida aos homens pelo Cristo.

Para designar tal pão foi necessário criar uma palavra. Essa palavra foi *epiúision*.

A supor seja esse *epiúision suficiente*, pergunta-se: “Não haveria em grego alguma palavra com o sentido de *suficiente*, de tal modo que fosse o evangelista forçado a criar uma palavra especial?” Notem bem isto: ou o grego tinha palavras para exprimir o que exprime nossa palavra *suficiente* e, nesse caso, não havia nenhuma necessidade de inventar um vocábulo especial, ou *epiúision* não significa suficiente. Ora, basta abrir um dicionário completo, admirável, como o francês-grego de Courtand Diverneresse para encontrar termos usuais, correntes, adequados a tal expressão.

\* \* \*







### **Aula Lucis Central - RJ**

A Fraternitas Rosicruciana Antiqua é uma instituição que tem por objetivo a felicidade dos seres humanos, sem distinção, estudando, investigando todos os problemas que se relacionam com a sua origem, evolução e destino.

Para atingir essa finalidade, utiliza-se dos métodos preconizados pelo Rosicrucianismo antigo e medieval e atualiza os seus conhecimentos de caráter filosófico, científico e espiritual, utilizando-se das experiências adquiridas através das Escolas Iniciáticas ou Herméticas.

As suas portas estão sempre abertas para todos os investigadores sinceros e bem intencionados que queiram assumir seriamente para tal fim, os imprescindíveis compromissos de honra e que estejam dispostos a trabalhar pelo próprio desenvolvimento e aperfeiçoamento material, mental e espiritual.

Joaquim Soares de Oliveira 1º Comendador da FRA no Brasil

### **Fraternitas Rosicruciana Antiqua Aula Lucis Central**

Rua Sabóia Lima, 77 - Tijuca  
Rio de Janeiro - RJ - Brasil - Cep: 20521-250  
Tel: (0XX 21) 2254-7350  
Site: <http://www.fra.org.br>  
E-mail: [fraternitas@fra.org.br](mailto:fraternitas@fra.org.br)  
© Copyright